



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

A POLIFONIA E O IPÊ-AMARELO: ANOTAÇÕES SOBRE O “PRIMEIRO” RUBEM ALVES COMO LEITOR DE DIETRICH BONHOEFFER¹

The “first” Rubem Alves as a reader of Dietrich Bonhoeffer

Carlos Caldas²

Resumo: Rubem Alves (1933-2014) foi um dos mais complexos, densos e prolíficos teólogos que o Brasil produziu. Alves rompeu com um modelo tradicional de fazer teologia, racionalista e linear, e dialogou com saberes como a filosofia da linguagem, a sociologia, a literatura (com ênfase na poesia) e a psicanálise. Seu pensamento teológico é como um quebra-cabeça não montado, visto que ele mesmo nunca se preocupou em sistematizá-lo. Uma leitura em seus textos mais maduros mostra que Alves recebeu muitas influências. Agostinho, Lutero, Angelus Silesius Feuerbach, Nietzsche, Bachelard são algumas dessas. No entanto, a ênfase que se percebe em seu pensamento desde cedo é uma preocupação com o social, e não apenas com a “salvação da alma”, o grande tema da teologia pietista na qual foi formado. Nesse sentido a teologia de Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) foi de grande influência no pensamento alvesiano. O presente artigo pretende apresentar a influência da teologia, com ênfase na sua ética, de Bonhoeffer no “primeiro” Rubem Alves.

Palavras-chave: Rubem Alves. Dietrich Bonhoeffer. Ética. Igreja. Polifonia da vida.

Abstract: Rubem Alves (1934-2014) was one of the most complex, profound and prolific theologians Brazil ever produced. Alves has broken up with a traditional model of doing theology, that is, a rationalistic and linear model, and had a dialogue with such fields of knowledge as philosophy of language, sociology, literature (with a special emphasis in poetry) and psychoanalysis. His theological thought is like an undone puzzle; as he never had a concern in systematize it. A reading in the texts he produced in his maturity shows he received many influences. Augustine, Luther, Angelus Silesius, Feuerbach, Nietzsche and Bachelard are some of these. Nevertheless one can see in his thought very early a concern with social matters, and not only with “salvation of the soul”, the theme *par excellence* of the pietistic theology in which he was formed. As far as this is concerned, the theology of Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) was of

¹ O artigo foi recebido em 15 de agosto de 2014 e aprovado em 02 de outubro de 2014 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2000), é estagiário de pós-doutorado pelo PNPd-CAPES na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia em Belo Horizonte/MG, Brasil. Contato: rcaldas2009@hotmail.com

■ great influence in Alvesian thought. This essay intends to present the influence of Bonhoeffer's theology, with emphasis in his ethics, in the "first" Rubem Alves.

■ **Keywords:** Rubem Alves. Dietrich Bonhoeffer. Ethics. Church. Poliphony of life.

Introdução

Em 19 de julho de 2014, o Brasil recebeu a notícia da morte de Rubem Azevedo Alves, conhecido simplesmente como Rubem Alves. Para os íntimos, "Rubão". Teólogo, poeta, educador, psicanalista, foi um dos intelectuais mais admirados e queridos do país. A presidenta do Brasil comentou a respeito na rede social.³ Sua obra é muito extensa. Conforme Cervantes-Ortiz, "o *corpus* biblio-hemerográfico de Alves constitui-se de mais de 100 livros e cerca de 500 artigos ou ensaios"⁴. Várias dissertações e teses acadêmicas, em áreas diversas como diversa foi sua produção, foram ou estão sendo produzidas a respeito de um ou outro aspecto do pensamento de Alves.⁵ Dono de um texto a um só tempo leve e denso, ágil e profundo, Rubem Alves conseguia o que poucos conseguem – comunicar profundamente sem cair no lugar comum de obviedades e banalidades rasas. Era um intelectual de peso e medida, mas que resolveu escrever para todas as classes, e o fez com muito sucesso. Com isso atraiu a inveja e críticas amargas de muita gente. Criticado por seus pares da Igreja Presbiteriana do Brasil, que, não entendendo sua proposta nova, diferente e ousada de fazer teologia, e não concordando com sua militância no movimento ecumênico, tomaram-no como heresiarca, um maldito que deveria ser banido e esquecido.⁶ Criticado por católicos por ser protestante demais. Criticado por alguns partidários católicos *hardcore* da Teologia da Libertação por ser pouco marxista e muito pequeno-burguês⁷.

³ Dilma fala sobre a morte de Rubem Alves em rede social; veja a repercussão. *Folha de S. Paulo*. Folha cotidiana. 19/07/2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/07/1488602-dilma-fala-sobre-a-morte-de-rubem-alves-em-rede-social-veja-repercussao.shtml>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

⁴ Cf. CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. *A teologia de Rubem Alves*. Poesia, brincadeira, erotismo. Campinas: Papyrus, 2005. p. 43.

⁵ Entre tantos, sem pretensão de apresentar lista exaustiva, ALMEIDA, Saulo Marcos de. *O pensamento teológico de Rubem Alves*. Reflexões sobre o papel da linguagem e da corporeidade. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo/SP, 1998. SCOFANO, Reuber Gerbassi. *Iluminação e desaprendizagem: a pedagogia lúdica de Rubem Alves*. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. SILVA, Anaxwell Fernando da. *Poética da existência: Rubem Alves, história de vida, tramas e narrativas*. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UNICAMP, Campinas/SP, 2014.

⁶ Em 2003, o Supremo Concílio (órgão administrativo máximo) da Igreja Presbiteriana do Brasil determinou que Rubem Alves não poderia ser convidado para falar em igrejas da denominação. Para as memórias do próprio Rubem Alves sobre o período de "fechamento" da IPB, consultar ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1982.

⁷ Exemplo que comprova essa afirmação é o fato que os editores da série *Libertação e Teologia*, em vários volumes, da Editora Vozes, que pode ser considerada expressão do pensamento *mainline* da Teologia da Libertação de corte católico não incluiu Rubem Alves. Nenhum congresso ou evento acadêmico sobre Teologia da Libertação em sua vertente católica no Brasil ou no continente incluiu Rubem Alves como preletor.

Criticado por filósofos da educação por não ter formação em pedagogia. Sem entrar no mérito se essas críticas procedem ou não, e, caso positivo, até que ponto procedem (essa análise fugiria por completo dos propósitos do presente artigo), observa-se que, se recebeu tantas críticas de segmentos tão diversos um do outro, é porque Rubem Alves foi provocador, instigante e não se contentava de modo algum em se limitar a reproduzir discursos estabelecidos como ortodoxos pelo *status quo* dominante. Ele se tornou um “intelectual público”, mas não era um escritor de autoajuda. Muito longe disso. Ele era crítico, criativo, intuitivo, provocante, mas não era pedante. Por isso navegou com facilidade espantosa e rara em águas diversas como teologia, filosofia, pedagogia, poesia e psicanálise.

Ao pensar no legado intelectual de um gigante como Rubem Alves, surge a pergunta, decerto inevitável, sobre as fontes nas quais bebeu e das influências que recebeu. A outra pergunta, igualmente necessária, é quanto à possibilidade de delimitação de contornos e características principais de sua teologia. “Possibilidade”, porque Rubem Alves foi um pensador profundo por demais, que jamais teve a preocupação de sistematizar seu pensamento. Além disso, talvez porque ele faleceu há pouco, ainda não temos distância para compreendermos em contexto ou sistematicamente o todo de sua obra. Como ele mesmo disse no prefácio que fez ao livro de Cervantes-Ortiz, seus muitos textos formam um quebra-cabeça.⁸ E que quebra-cabeça! O presente artigo trabalhará a partir de dois pressupostos operacionais:

1) destacar como desde o início de sua produção teológica Rubem Alves não se preocupa apenas com a “salvação da alma”, o grande tema da teologia pietista na qual foi formado;

2) ressaltar elemento essencial para tanto, a saber, a influência que o jovem Rubem Alves recebeu da teologia do teólogo e pastor luterano alemão Dietrich Bonhoeffer (1906-1945).

Daí que o presente artigo apresentará, por primeiro, algumas informações sobre a formação teológica inicial de Rubem Alves, e na sequência, pela mesma forma, breve considerando sobre as etapas posteriores do seu pensamento teológico de Rubem Alves. Ato contínuo, o que se constitui no núcleo da proposta propriamente do presente texto, a saber, a influência da teologia de Bonhoeffer no pensamento teológico do “primeiro” Rubem Alves, após o que, a conclusão, que não pretende de modo algum fechar a questão.

A formação teológica inicial de Rubem Alves

Não se apresentará neste artigo a trajetória de vida de Rubem Alves.⁹ O “ponto” deste texto é apresentar como o “primeiro” Rubem Alves trabalhou com a teologia de Dietrich Bonhoeffer. E para tanto, neste momento inicial do texto, focalizar-se-á

⁸ CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 24.

⁹ Para detalhes, consultar REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores... O pensamento teológico de Rubem Alves*. São Leopoldo: Oikos; Faculdades EST, 2009. p. 23-48.

o início da formação teológica de Alves, que se deu no Seminário Presbiteriano de Campinas, a mais antiga casa de formação pastoral da Igreja Presbiteriana do Brasil. O seminário de Campinas na época, meados da década de 1950, vivia um momento áureo. Rubem Alves foi aluno de professores destacados, como Waldyr Carvalho Luz, Julio Andrade Ferreira, Américo Justiniano Ribeiro, Francisco Penha Alves e o que mais profundamente o influenciou: Richard Shaull¹⁰. Shaull apresentou aos seus alunos em Campinas um presbiterianismo renovado, não uma mera repetição e reprodução dos dogmas dos símbolos de fé de Westminster¹¹, o que era (e ainda é) a característica principal da maneira como o maior e mais antigo ramo do presbiterianismo brasileiro entende que seja teologia. A teologia que Shaull passou para seus alunos era uma teologia encarnada no dia a dia da existência, uma teologia que desemboca em uma prática social concreta. Shaull, por sua vez, aprendeu essa maneira de pensar a tradição presbiteriana e viver a fé cristã com aquele que decerto foi o mais influente professor que teve no Princeton Theological Seminary: John Alexander Mackay (1889-1983), o “escocês com alma latina”¹².

John A. Mackay foi missionário presbiteriano de carreira na América Latina. A maior parte de sua vivência missionária se deu no Peru, mas teve também passagens breves no Uruguai e no México. A atuação missionária de Mackay foi bastante diferente da compreensão tradicional da obra missionária. Exemplo disso é o fato que ele se fez amigo do líder político peruano Haya de la Torre, fundador do movimento Aliança Popular Revolucionária Americana. Depois foi para os Estados Unidos, onde viveu até sua morte. Lá, tornou-se o primeiro não estadunidense a assumir a presidência do prestigioso Seminário Teológico de Princeton. Mackay foi o responsável pela renovação da educação teológica no presbiterianismo dos Estados Unidos, que até então vivia sob a sombra da teologia de Charles Hodge (1797-1878), famoso teólogo que fora professor no mesmo Seminário de Princeton.

Mackay convidou professores como o tcheco Josef Hromadka e o norte-americano de origem alemã Paul Lehman¹³. Este é particularmente importante, porque fora colega de Dietrich Bonhoeffer no Union Theological Seminary em Nova Iorque (Bonhoeffer passou o ano acadêmico de 1930 naquela instituição de ensino teológi-

¹⁰ A trajetória de Richard Shaull no Brasil, o impacto que exerceu na teologia brasileira e, mais particularmente, sua influência na formação do pensamento do próprio Rubem Alves é um capítulo à parte. Para mais detalhes, consultar HUFF JUNIOR, Arnaldo Érico. Um protestantismo protestante: Richard Shaull, missão e revolução. 2012. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. ALVES, Rubem (Org.). *De dentro do furacão*: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação. São Paulo: CEDI, 1985. FARIA, Eduardo Galasso. *Fé e compromisso*: Richard Shaull e a teologia no Brasil. São Paulo: ASTE, 2002. SHAULL, Richard. *Surpreendido pela graça*. São Paulo: Record, 2003 (particularmente interessante, por ser sua autobiografia).

¹¹ Os assim chamados símbolos de fé de Westminster – Catecismos (Breve e Maior) e a Confissão de Fé (CFW), formulados entre 1646 e 1648 são adotados pelo presbiterianismo mundial como expressões de confessionalidade e ortodoxia teológica. A tradição reformada propriamente adota a Confissão Belga (1561) e o Catecismo de Heidelberg (1563), e não os símbolos de Westminster.

¹² A única biografia de Mackay disponível em português é SINCLAIR, John. *John A. Mackay, um escocês com alma latina*. Manhumirim: DIDAQUÊ, 1995.

¹³ Para mais detalhes sobre Lehman, consultar HUFF JUNIOR, 2012, p. 97, n. 178.

co). Mais tarde, Lehman, que lecionou Cristianismo Aplicado¹⁴ em Princeton, foi o orientador de doutorado de Shaull. A perspectiva de Lehman quanto à ética cristã e ao envolvimento cristão na sociedade tinha nítidos contornos e matizes bonhoefferianos. De modo que é possível traçar uma “árvore genealógica” das principais influências teóricas recebidas por Alves em sua formação teológica inicial: ele foi discípulo de Shaull, que fora discípulo de Lehman e de Mackay. Lehman bebeu na fonte da ética bonhoefferiana. A influência de Bonhoeffer notadamente no campo da ética social se fez notar em Lehman, que a passou a Shaull, que a passou a todos os seus alunos em Campinas, dos quais o que mais se destacou foi Rubem Alves. Coincidência ou não, Alves foi para os Estados Unidos para realizar estudos de pós-graduação em teologia na década de 1960, e obteve os graus de mestre e doutor no que, anos mais tarde, ele chamaria de “as coisas dos deuses” nas mesmas duas instituições de ensino até agora citadas, a saber, Union (mestrado) e Princeton (doutorado).

Alves fez interessante observação a respeito de Shaull e a nova maneira de entender a teologia que o mestre passou aos seus alunos brasileiros: “Para ele (Shaull) era justamente nos problemas do mundo que se encontravam as marcas de Deus. Deus aparece como homem no lugar onde a vida humana comum é vivida: este é o sentido da encarnação”¹⁵. Alves, como se verá a seguir, teve várias fases em sua trajetória teológica. Mas em todas, literalmente até o fim, têm como ponto em comum a visão do cotidiano como locus do sagrado, espaço onde o transcendente se manifesta. Portanto sua dissertação de mestrado, defendida no Union Theological Seminary em 1964, versou sobre o tema *A Theological Interpretation of the Meaning of Revolution in Brazil*. Mais “shaulliano” e, como se verá adiante, “bonhoefferiano”, impossível. A lição recebida de Shaull assumiu posteriormente outros contornos na teologia alvesiana, mas jamais foi esquecida.

Além disso, Shaull também foi o responsável pelo rompimento definitivo de Alves com os padrões de uma teologia com matizes pietistas e tons fundamentalistas, que ele aprendera em sua infância. Alves entrou em crise com uma proposta de teologia que nega o mundo e o corpo e se preocupa apenas com o transcendente e com o além. Pode-se dizer que Shaull plantou no coração e na mente de seu jovem aluno Rubem uma semente de inquietação que germinou, cresceu, virou árvore frondosa com muitos galhos e deu muitos frutos. Um desses frutos foi a colaboração de Alves durante cerca de 20 anos no CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação. Alves tinha uma crônica mensal em *Tempo e Presença*, o periódico oficial do CEDI. Esse organismo ecumênico trabalhava com igrejas “de esquerda” e movimentos populares. A atuação do CEDI era com questões sociais concretas, como defesa de direitos civis de negros e índios, apoio a sindicatos, luta pelo meio ambiente, por uma educação pública de qualidade e crítica ao capitalismo e seus efeitos devastadores na sociedade. Ou seja, uma perspectiva teológica e ética que levava a fé na encarnação de Jesus Cristo às últimas consequências. Alves militou no movimento ecumênico não

¹⁴ Expressão alternativa criativa e elegante para “Ética Social”.

¹⁵ ALVES, Rubem. O Deus do furacão. In: ALVES (Org.), 1985, p. 22.

apenas no Brasil, por sua já citada colaboração com o CEDI, e ainda com o ISER – Instituto Superior de Estudos de Religião, mas também no âmbito continental, através do movimento ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina. No ano de 1984, exatamente no liminar entre ditadura e democracia, em uma crônica, interessante por demais, intitulada “... como o terebinto e o carvalho...”, publicada em *Tempo e Presença*, Rubem Alves apresenta sua tipologia do desenvolvimento teológico do movimento ecumênico no Brasil.¹⁶ Para ele, esse desenvolvimento se deu em três momentos, que denominou de Natal, Herodes e Ressurreição. Natal, o momento de nascimento do movimento ecumênico, Herodes, o momento de repressão sofrida da parte do governo militar (o que se deu também em quase todos os países hispano-americanos), e finalmente, o momento da Ressurreição, que, no caso do Brasil, foi posterior à ditadura militar (os anos de 1980). Essa crônica é interessante para os propósitos do presente texto, visto que na mesma Rubem Alves explicitamente afirma que aprendeu esse modo diferente de pensar a teologia e a ética cristã com Richard Shaull e Dietrich Bonhoeffer.¹⁷ Daí a afirmação do presente artigo, que recebeu (e conservou, ainda que nem sempre de maneira tão visível) influência de seu principal mentor intelectual, Shaull, que, por sua vez, tivera como mentor um discípulo e amigo de Bonhoeffer. Essa influência em Alves se nota mais explicitamente em sua fase de envolvimento no movimento ecumênico, envolvimento esse marcado por preocupação com questões de natureza política.¹⁸ Alves posteriormente abandonou essa fase, mas de alguma maneira o reflexo da influência bonhoefferiana permaneceu.

Etapas posteriores do desenvolvimento do pensamento teológico de Rubem Alves

Conforme já afirmado, o objetivo deste artigo é apresentar os inícios da formação teológica de Rubem Alves, com ênfase na influência recebida da ética teológica de Dietrich Bonhoeffer. Não se pretende de modo algum neste texto tratar de toda a elaboração teológica de Alves. Afinal, ele foi um pensador inquieto. Um estudo de seus textos, posto que superficial, mostra que ele preferiu ser uma “metamorfose ambulante”, e não “ter aquela velha opinião formada sobre tudo”. Nos seus últimos textos Alves falava muito de árvores, sendo sua preferida o ipê. É curioso que um tema que lhe era tão querido seja adequado para o esforço – difícil – de categorizar seu pensamento. A metáfora da árvore é apropriada para retratar sua teologia. Há o risco de se usar linguagem redundante, mas o pensamento de Alves tornou-se muito “arborizado”¹⁹.

¹⁶ ALVES, Rubem. “...como o terebinto e o carvalho...”. *Tempo e Presença*, n. 192, p. 26-28, jun.-jul. 1984.

¹⁷ ALVES, 1984, p. 27.

¹⁸ Para uma descrição histórica e crítica da atuação de Alves no CEDI e de seu pensamento político, consultar DIAS, Agemir de Carvalho. A política como milagre: Rubem Alves no CEDI. *Via Teológica*, 11, p. 10-14, julho 2005.

¹⁹ A metáfora de inspiração botânica, conquanto na frase possa soar redundante, é utilizada propositalmente, visto ter sido uma das preferidas de Rubem Alves!

Neste momento do presente artigo seguir-se-á a tipologia do pensamento teológico de Alves elaborada pelo teólogo mexicano Leopoldo Cervantes-Ortiz²⁰, que dividiu o desenvolvimento teológico do pensador brasileiro em seis períodos, etapas ou momentos. Esses momentos sugeridos por Cervantes-Ortiz serão citados a seguir, mas considerando o objetivo principal do presente texto, não se entrará no mérito de uma discussão da proposta apresentada pelo teólogo mexicano. O grande mérito dessa iniciativa está exatamente em sugerir uma proposta de ordenamento cronológico em uma obra muito vasta, ampla e densa, tarefa indubitavelmente complexa por demais. Os momentos da trajetória teológica alvesiana conforme a proposta de periodização construída por Cervantes-Ortiz são os seguintes:

- 1956-1964: período formativo, indagativo (sic), indefinido;
- 1964-1969: período de convencimento militante e de trabalho a serviço de uma consciência de mudança, bem como de início da maturidade criadora;
- 1970-1971: período do desengano eclesiástico e político;
- 1972-1975: período de distanciamento de alguns teólogos da libertação e aproximação a (sic) novo estilo intelectual, teológico e literário;
- 1975-1982: período de “buscas” [...] mediante o abandono sistemático do dogmatismo próprio da teologia protestante tradicional, substituído por uma atitude de permanente admiração e livre expressão das ideias, por mais heterodoxas que pareçam;
- 1982-até (2014): período das “realizações” [...] uma clara definição do novo modo teológico de pensar. O que no período anterior era somente busca e intuição manifesta-se em concreções muito próximas da literatura, pela conjunção de elementos simbólicos, poéticos, teológicos, religiosos e autobiográficos.

Alves, que era músico – organista, intérprete de Bach –, utilizou o termo técnico musical “variações” para se referir ao seu pensamento.²¹ A escolha desse termo técnico é curiosa e sugestiva: aponta para um pensamento que não pretende ser linear, racionalista, objetivo, mas estético, pois é termo musical. Ao mesmo tempo, o uso do termo técnico musical “variações” parece sugerir que o próprio Alves entendia seu pensamento como sendo, a despeito de prováveis ou possíveis diferentes momentos, uma sequência de “variações” sobre um mesmo tema.²² Fato é que há em Alves uma evolução, por assim dizer: suas reflexões desde o início mostram distanciamento de um lugar comum de fazer teologia como reprodução de fórmulas dogmáticas. Seus textos revelam que sempre houve, em todas as citadas fases, uma mente criativa e livre, que buscou incansavelmente a liberdade no próprio exercício de pensar a vida, o humano e Deus. Para tanto, Alves elegeu como parceiros de diálogo no exercício de construção da teologia alguns saberes até então inéditos, como a filosofia da linguagem, a psicanálise e a literatura. Em *Towards a Theology of Liberation* (“Em direção a uma teologia da libertação”), o título original de sua tese de doutorado, defendida em

²⁰ CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 43-47.

²¹ ALVES, Rubem. “Sei que a vida vale a pena...”. *Tempo e Presença*, n. 224, p. 26-27, out.-nov. 1987.

²² De fato, crítica muitas vezes a Rubem Alves é que ele era repetitivo. Mas parece que ele nunca se importou com essa crítica.

1968, Ludwig Wittgenstein foi um dos referenciais teóricos de Alves.²³ Mais tarde, especialmente em suas crônicas, Alves, a esta altura já tendo concluído seus estudos em Psicanálise, passa a utilizar esse saber em suas elaborações teológicas. Em inúmeras de suas crônicas ele se valeu do instrumental psicanalítico para apresentar temas como o corpo (visto como lugar do sagrado), a beleza, o sonho, a saudade, o desejo, a esperança, em um intrigante e interessante *blend* de psicanálise e teologia.²⁴ E antecipou em anos o diálogo do saber teológico com o saber literário – o diálogo entre teologia e literatura cada vez mais ganha corpo no Brasil. Mas Alves o antecipou, de maneira livre, não presa aos determinismos da metodologia da produção científica, verdadeiramente livre das regras do “jogo”²⁵ acadêmico. De maneira criativa Alves traz para o diálogo com a teologia interlocutores tão diversos um do outro como Riobaldo (de *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa), Florentino Ariza (de *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel García Márquez) e Tomas (de *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera). E dialoga extensivamente com, entre tantos, Octavio Paz, William Blake, T. S. Eliot, Adélia Prado, Cecília Meireles e Manoel de Barros. Sem dúvida, Alves foi precursor não apenas da Teologia da Libertação (TdL), mas também do que tem sido chamado de “Teopoética”²⁶. De fato, Alves efetivamente propôs e realizou uma teologia em diálogo com a estética filosófica.²⁷ Esse tema merece tratamento mais alentado, o que (lamentavelmente) não se pode realizar no presente artigo, por obediência às regras do citado “jogo” acadêmico.

Muito mais pode ser dito – e com certeza, alguém o fará – sobre diversos outros aspectos do pensamento teológico de Alves. Paradoxalmente, ele próprio dizia que havia rompido com a teologia. Mas por mais que ele tentasse negar, seu pensamento nunca se descolou nem se deslocou da “substância” da teologia.

Resumindo: ao ler os textos de Rubem Alves é possível perceber uma mescla de nostalgia de uma felicidade perdida na infância, espécie de Éden existencial, com a

²³ A tese foi publicada em forma de livro nos Estados Unidos com o título *A Theology of Human Hope* (literalmente: “Uma teologia da esperança humana”) pela Corpus Books de Washington em 1969. Para detalhes do uso de Wittgenstein por Alves, consultar ALMEIDA, Saulo Marcos de. *Opensamento teológico de Rubem Alves*. Reflexões sobre o papel da linguagem e da corporeidade. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1998.

²⁴ Creio que Alves, que apreciava por demais os sabores e prazeres da vida, concordaria com minha utilização da palavra *blend* para tentar explicar sua teologia, pois a palavra é usada como metáfora que remete a misturas de chás e *whiskies*, resultando normalmente em combinações deliciosas...

²⁵ “Jogo” foi outro termo bastante recorrente nos últimos textos de Alves, que o utilizou inspirado em *O jogo das contas de vidro*, de Herman Hesse, um dos autores que o influenciou.

²⁶ Quanto a isso, consultar DE BOER, Tjerd. *Hoe zullen wij over God spreken? De poëtische theologie van het alledaagse van Rubem Alves*. 2010. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade de Teologia da Universidade Livre de Amsterdam, Amsterdam, 2010. HOCKING, Jeffrey S. *Liberating Language: Rubem Alves, and Democratization of the God-Talk. Theopoetics*, v. 1, n. 1, p. 11-40, 2014.

²⁷ A expressão “estética filosófica” é utilizada aqui em sentido amplo, lato por demais. A delimitação teórica da corrente específica do capítulo da filosofia que trata da arte e do belo com a qual Rubem Alves trabalhou e com que teóricos dialogou é em si tema para outro artigo. Quanto a isso, consultar HUFF JUNIOR, Arnaldo. *Para pensar religião e arte com Rubem Alves: na contramão do realismo, na mão da imaginação*. 2014. Texto não publicado.

esperança de uma “volta ao lar”²⁸. Essa mescla de melancolia e esperança o distingue de muitos teólogos. Mas o que o presente texto pretende é tratar com mais especificidade como o jovem Rubem Alves foi influenciado por Dietrich Bonhoeffer. É o que será visto a seguir.

A polifonia e o ipê-amarelo: influência da teologia de Bonhoeffer no pensamento teológico do “primeiro” Rubem Alves

Mencionou-se que, quando aluno de graduação em teologia, Alves aprendeu com Shaull, que por sua vez aprendeu com Mackay, e mais especificamente, com Lehman, uma teologia que não é meramente “espiritual”, mas que se encarna na concretude da vida diária. E acima de Lehman e Shaull e, por extensão, de Alves, para Bonhoeffer. É o que se pretende demonstrar a seguir. Em sua tese doutoral Alves cita uma metáfora de rara sensibilidade poética e estética de Bonhoeffer – “polifonia da vida”. Essa imagem aparece na carta que Bonhoeffer enviou da prisão de Tegel ao seu amigo Eberhard Bethge em 20 de maio de 1944. O trecho que inspirou Alves é o seguinte:

Entretanto há um risco em qualquer amor erótico apaixonado, que é perder de vista o que gostaria de chamar de polifonia da vida. O que quero dizer é que Deus, o Eterno, quer ser amado de todo o nosso coração, não em detrimento do amor terreno nem para diminuí-lo, mas como um *cantus firmus* com o qual todas as outras vozes da vida ressoam como um contraponto. Um desses temas de contraponto, que mantêm sua *plena independência*, mas ainda estão relacionadas ao *cantus firmus*, é o amor terreno [...] Onde o *cantus firmus* é claro e nítido, o contraponto pode se desenvolver da maneira poderosa possível. Os dois são “indivisos, porém distintos”, tal como afirmado pela definição de Calcedônia a respeito das naturezas divina e humana em Cristo. Será por isso que estamos tão à vontade com a polifonia na música, porque ela é tão importante para nós, porque é a imagem musical desse fato cristológico e, portanto, da nossa *vita christiana*?²⁹

Antes de prosseguir, é preciso observar que, de fato, Alves cita Bonhoeffer poucas vezes.³⁰ Mas percebe-se, sobretudo nesse início de sua trajetória, o jovem Rubem Alves (na casa dos 30) com sensibilidade o bastante para formular reflexão teológica que se volta para o todo da vida. Essa sensibilidade o acompanhará até o fim de seus dias. E mesmo que ele não tenha citado Bonhoeffer extensivamente, na

²⁸ Talvez não como uma espécie de *parousia*, mas como uma vivência de “cheiros e sabores”, para usar a expressão do Prof. Iuri Andreas Reblin. Quanto a isso, ver REBLIN, 2009. No caso, cheiros e sabores da infância, que remeteriam ao Éden existencial de todo ser humano.

²⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Letters and Papers from Prison*. Minneapolis: Fortress Press, 2010. (Dietrich Bonhoeffer Works in English 8). p. 394. Itálico do original.

³⁰ Na verdade, Alves cita qualquer autor pouco.

raiz do grande ipê-amarelo³¹ que foi o pensamento de Alves encontra-se a semente da influência bonhoefferiana. A metáfora da polifonia da vida é muito sugestiva. Pois na polifonia há a primeira voz, por assim dizer, e o contracanto, relacionado à primeira voz. No caso específico de Bonhoeffer, o *cantus firmus* é Cristo. Bonhoeffer fala de servir a Deus no mundo, na vida em sua plenitude. O que Bonhoeffer defende, talvez como o ponto central de sua teologia, é que a *vita christiana* é *Nachfolge* – seguimento ou discipulado – de Cristo de maneira radical no mundo. Essa ideia bonhoefferiana mostrou-se posteriormente influente na gênese da TdL.³² O discipulado na compreensão bonhoefferiana não é entendido de maneira ingênua, não em moldes pietistas, mas na radicalidade de viver para o próximo e defender os fracos e indefesos, como Cristo fez. A citada participação de Alves no movimento ecumênico, nacional e continental, revela a influência de uma visão da *vita christiana* (para usar a expressão de Bonhoeffer) como um todo integrado no qual não se distingue o que é “material” do que é “espiritual”, ou seja, uma teologia “holística”. Nesse sentido é possível afirmar que a influência de Bonhoeffer – *polifonia* – é em Alves – *ipê-amarelo* – como que uma “presença ausente”, no sentido de que, mesmo que não seja muito citado (como de fato não é mesmo), está lá. Com perdão do possível exagero, a influência de Bonhoeffer no pensamento teológico de Rubem Alves, salvo uma ou outra exceção, é como Deus no livro de Ester – está nas entrelinhas, subjaz ao texto, não é citado nominalmente, mas está lá. Pois Alves falará sempre da vida como um todo, como espaço de manifestação do sagrado. Em outro trecho da mesma carta (que com certeza Alves leu, mesmo que não o tenha citado), Bonhoeffer afirma a seu amigo Bethge: “Somente essa polifonia dá inteireza à sua vida, e você sabe que nenhum desastre lhe acontecerá enquanto o *cantus firmus* continuar”³³. Quanto a isso, Cervantes-Ortiz diz:

Aproveitar a vida dessa perspectiva não é uma ação hedonista irresponsável, mas, sim, uma espécie de continuação da encarnação, uma soma, em contraponto (para manter a imagem musical) à vivência da obra de Deus com base no ato de viver a vida mais intensamente, como uma grande polifonia, que inclui todas as melodias, todos os sons. Isso concede um novo valor à existência, mesmo em circunstâncias como as vividas por Bonhoeffer³⁴.

A imagem bonhoefferiana da polifonia da vida é retomada por Alves em *O poeta, o guerreiro o profeta*.³⁵ Em “Profecia”, ele afirma:

³¹ O ipê-amarelo é citado por ter sido a árvore preferida de Alves, conforme ele mesmo expressou em várias de suas crônicas.

³² Quanto a isso, CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 68, n. 45 traz ampla bibliografia sobre como Bonhoeffer influenciou os teólogos protestantes latino-americanos da década de 1960. Ver também CALDAS, Carlos R. Interpreting Bonhoeffer “From Bellow” in the Context of Latin American Poverty. In: FRICK, Peter (Org.). *Bonhoeffer and Interpretive Theory*. Essays on Methods and Understanding. Frankfurt: Peter Lang, 2013. p. 99-118.

³³ BONHOEFFER, 2010, p. 394.

³⁴ CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 67.

³⁵ ALVES, Rubem. *O poeta, o guerreiro, o profeta*. Petrópolis: Vozes, 1992.

A salvação é a recuperação da polifonia. Com o que concordava Bonhoeffer. E é algo comovedor pensar que essa imagem lhe veio quando sua morte já podia ser prevista, quando nada mais podia ser feito, quando todas as esperanças éticas e políticas já tinham acabado, quando ele se encontrava só, diante do abismo³⁶.

Alves, que conforme já citado, era músico, decerto apreciou com especial gosto a metáfora musical bonhoefferiana e a incorporou em sua trajetória e em sua reflexão teológica inicial. Artur Morão, intelectual lusitano que traduziu *Ethik* de Bonhoeffer para o português de Portugal, afirma:

Que significa então esta metáfora? Que o carácter fragmentário e caótico da nossa vida só na fê encontra a sua unidade substancial; que a caridade instilada em nós pelo Espírito de Cristo, esse cantus firmus, esse canto na noite da nossa história individual e colectiva, é o elemento aglutinador que ata, ilumina, suaviza e coordena os “membra disiecta” (as estilhas ou os bocados) do nosso ser, agitados pelo vórtice da existência com suas paixões e seus impulsos, suas canseiras e seus repousos, seus prazeres e suas alegrias, seus medos e suas venturas, ou seja, a vida na sua totalidade, inculindo-lhe harmonia, repassando-a de discernimento, convidando-a à coragem na luta contra as potências do mal, envolvendo-a, por fim, na liberdade interior e na hilaritas³⁷, na alegria, que é um dos frutos do Espírito de Deus³⁸.

Rubem Alves, consciente ou inconscientemente, inspirou-se na metáfora musical de Bonhoeffer na produção de sua teologia. Executou diferentes acordes em diferentes tons. Como ele mesmo gostava de dizer: variações de um mesmo tema. Assim, em sua teologia, a vida e o transcendente são vistos como uma grande composição musical. A teologia feita como poesia, o saber não como instrumento de dominação, mas como sabor de vida, de sonho e de alegria.

Conclusões inconclusas

Muito já se falou sobre Rubem Alves, a partir de diferentes perspectivas teóricas, e decerto muito ainda há de se falar, muito ainda pode se falar, muito ainda tem para se falar. Como Rubem Alves tratou de diferentes temas em diferentes campos do saber, é possível comentar e tentar analisar sua vasta obra igualmente a partir de diferentes categorias e referenciais teóricos, e propor diálogos de suas percepções com diferentes campos do saber. Sua obra seminal possibilita interfaces curiosas e interessantes, um *crossover* de saberes. O presente artigo não pretende ser mais do que uma singela homenagem ao mestre por ocasião de sua recente passagem. E apontar uma influência em seu pensamento que, conquanto já tenha sido observada por outros pesquisadores de seu pensamento, não foi amplamente explorada, talvez pelo fato

³⁶ ALVES, 1992, p. 125-126.

³⁷ A palavra latina *hilaritas* significa “alegria”, “bom humor”.

³⁸ MORÃO, Artur. Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) ou o sabor cristão da “polifonia da vida”. *Viragem*, v. 58, jan.-abr. 2008. p. 13.

já citado que são poucas as citações explícitas de Bonhoeffer nos textos de Alves, mas uma “substância” bonhoefferiana em toda a sua teologia. O “primeiro” Rubem Alves ocupou-se efetivamente de envolvimento com o movimento ecumênico em um esforço consciente de viver a vida e pensar a teologia em perspectiva integrada, sem um dualismo ingênuo entre “espiritual” e “material”. Posteriormente suas elaborações teológicas tomaram outros rumos – outros galhos do seu frondoso ipê-amarelo, mas sempre com uma compreensão que a vida e o transcendente constituem-se em uma grande e melodiosa polifonia.

Referências

Fontes primárias

- ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1982.
- _____. “...como o terebinto e o carvalho...”. *Tempo e Presença*, n. 192, p. 26-28, jun.-jul. 1984.
- _____. “Sei que a vida vale a pena...”. *Tempo e Presença*, n. 224, out.-nov. 1987.
- _____. *O poeta, o guerreiro, o profeta*. Petrópolis: Vozes, 1992.

Fontes secundárias

- ALVES, Rubem (Org.). *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: CEDI, 1985.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Letters and Papers from Prison*. Minneapolis: Fortress Press, 2010. (Dietrich Bonhoeffer Works in English 8).
- CALDAS, Carlos R. Interpreting Bonhoeffer “From Bellow” in the Context of Latin American Poverty. In: FRICK, Peter (Org.). *Bonhoeffer and Interpretive Theory: Essays on Methods and Understanding*. Frankfurt: Peter Lang, 2013.
- CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. *A teologia de Rubem Alves*. Poesia, brincadeira, erotismo. Campinas: Papirus, 2005.
- DIAS, Agemir de Carvalho. A política como milagre: Rubem Alves no CEDI. *Via Teológica*, 11, julho 2005.
- _____. *O movimento ecumênico no Brasil a serviço da igreja e dos movimentos populares (1954-1994)*. Curitiba: Instituto Memória, 2009.
- FARIA, Eduardo Galasso. *Fé e compromisso: Richard Shaull e a teologia no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2002.
- HOCKING, Jeffrey S. Liberating Language: Rubem Alves, and Democratization of the God-Talk. *Theopoetics*, v. 1, n. 1, 2014.
- HUFF JUNIOR, Arnaldo. *Para pensar religião e arte com Rubem Alves: na contramão do realismo, na mão da imaginação*. Texto não publicado, 2014.
- MORÃO, Artur. Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) ou o sabor cristão da “polifonia da vida”. *Viragem*, v. 58, jan.-abr. 2008.
- REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores... O pensamento teológico de Rubem Alves*. São Leopoldo: Oikos; Faculdades EST, 2009.
- SHAULL, Richard. *Surpreendido pela graça: memórias de um teólogo – Estados Unidos, América Latina, Brasil*. São Paulo: Record, 2003.
- SINCLAIR, John. *John A. Mackay, um escocês com alma latina*. Manhumirim: DIDAQUÊ, 1995.

Dissertações e teses

ALMEIDA, Saulo Marcos de. *O pensamento teológico de Rubem Alves*. Reflexões sobre o papel da linguagem e da corporeidade. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1998.

DE BOER, Tjerd. *Hoe zullen wij over God spreken? De poëtische theologie van het alledaagse van Rubem Alves*. 2010. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade de Teologia da Universidade Livre de Amsterdam, Amsterdam, 2010.

HUFF JUNIOR, Arnaldo Érico. *Um protestantismo protestante: Richard Shaull, missão e revolução*. 2012. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Anaxwell Fernando da. *Poética da existência: Rubem Alves, história de vida, tramas e narrativas*. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UNICAMP, Campinas/SP, 2014.

SCOFANO, Reuber Gerbassi. *Iluminação e desaprendizagem: a pedagogia lúdica de Rubem Alves*. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

Fontes eletrônicas

Dilma fala sobre a morte de Rubem Alves em rede social; veja a repercussão. <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/07/1488602-dilma-fala-sobre-a-morte-de-rubem-alves-em-rede-social-veja-repercussao.shtml>>.